

10

Fiat

O texto de Stela sinaliza um desejo de rasurar qualquer teto do sistema institucional que, sob pretexto de tratamento para protegê-la, quer aprisioná-la. Defesa da vida contra qualquer coação, um desejo contra tudo que possa capturá-la. Nessa luta para dar vida à vida, Stela se lança ao caos e nele traça planos e encontra forças para saltar do caos à composição. Traz dele “variedades que não constituem mais uma reprodução do sensível no órgão, mas erigem um ser do sensível, um ser da sensação, sobre um plano de composição, anorgânica, capaz de restituir o infinito.” (DELEUZE: 1992, p.260).

Stela teve a capacidade de se deixar afetar pelas forças reais, não só as visíveis mas as invisíveis, como aquelas que nos atravessam e nos desestabilizam em relação à nossa suposta consistência subjetiva, produzindo estados nunca antes experimentados em nosso corpo, marcas que nos tornam outros de nós mesmos (Cf: ROLNIK: 1993). Eis a arte como instância de afirmação da vida, onde não há mais exclusão de, oposição a, mas conexão entre forças que se enriquecem e se juntam em uma nova composição, se conectam em um processo de devir.

Porque quem vence o belo é o belo
Quem vence a saúde é outra saúde
Quem vence o normal é outro normal
Quem vence um cientista é outro cientista
(PATROCÍNIO: 2001, p. 143)

Assim Stela, na sua fala-escritura, inventa novas possibilidades de vida, pois cria descarregando vida, deixando a vida entornar-se, transbordar-se: suas palavras guardam uma reserva de sentido, não no sentido de provisão, mas de retenção e suspensão de sentido, como criação de um vazio onde vários sentidos possam vir se alojar, vazio que contém múltiplas virtualidades e se abre para elas.